



BIOGRAFIA DE UMA REVOLTADA: ERCILIA NOGUEIRA COBRA

Maria Lúcia de Barros Mott
Da Fundação Carlos Chagas e do jornal *Mulherio*

Com a publicação desta primeira versão sobre a vida e a obra de Ercília Nogueira Cobra espero desencadear novos estudos e receber críticas e sugestões no sentido de ampliar e aprimorar este trabalho. Parte da pesquisa foi financiada pela Fundação Ford (3º Concurso de dotação de bolsas de pesquisa sobre a mulher da Fundação Carlos Chagas), inclusive a minha viagem a Caxias do Sul. Quero agradecer, também, a Marlyse Meyer e Zulaiê Cobra Ribeiro pelo incentivo e a Erich Gemeinder pela generosidade, ao proporcionar-me a consulta de vasto material em sua biblioteca.

Ercília Nogueira Cobra é uma escritora paulista que, nos anos 20, escreveu dois livros – *Virgindade Anti-Hygienica* e *Virgindade Inutil* – onde, entre outras coisas, defende a liberdade sexual da mulher. Embora nesses livros a autora combata a prostituição ela foi obrigada a viver desta atividade pelo menos durante parte de sua vida. Entre os anos 34 e 38, em Caxias do Sul, era proprietária de uma casa de mulheres.

No fichário de autores das bibliotecas Nacional (Rio de Janeiro) e Municipal Mário de Andrade (São Paulo) não há referência ao nome de Ercília Nogueira Cobra. Aí não podem ser encontrados os seus livros. Mesmo os trabalhos que se preocupam com a história da mulher brasileira e a do movimento feminista no Brasil, incluindo-se aí as biografias de mulheres que participaram de alguma forma desse movimento, não fizeram, até bem pouco tempo, qualquer tipo de referência seja a vida, seja a obra da escritora.

Uma resenha da *Revista do Brasil* de julho de 1924 “seu trabalho se caracteriza por muita pessoalidade: pensa por si e diz o que pensa em linguagem crua com uma coragem, que se não encontra nos arcaísmos do outro sexo”, um verbete no *Dicionário de Autores Paulistas* de Luiz Correia de Melo (1954) que é praticamente transcrito na íntegra no dicionário de Raimundo de Menezes “Nasceu em São Paulo. Fez seus estudos na terra natal. Mudou-se para o Rio Grande do Sul. Romancista de feição emancipadora” e por último, uma citação na *História da Inteligência do Brasil* de Wilson Martins (1979), são as únicas referências bio-bibliográficas encontradas, até agora, sobre a escritora¹.

Adalzir Bittencourt, em seu *Mulheres e Livros* (levantamento de livros escritos por mulheres brasileiras, publicado em 1948) chega a citar Noemia Cobra Leite – irmã de Ercília – cuja produção literária foi ativa, mas restrita quase que exclusivamente a artigos e poemas publicados em jornais e, silencia sobre Ercília.

Conversando com um sociólogo sobre o objetivo de escrever uma biografia da escritora, ele argumentou que não via maior importância num estudo sobre a vida de Ercília, pois a atividade dela restringia-se à publicação de dois livros desconhecidos. Em outra ocasião, tentando obter uma entrevista com Jovina Pessoa, única mulher que tenho notícias, que leu *Virgindade Anti-Hygienica* quando da sua primeira edição, recebi uma negativa. Esta senhora, revoltada com a situação desastrosa da nossa política econômico-social me disse que seria um absurdo um estudo sobre Ercília naqueles dias (1981), quando outras coisas precisavam ser resolvidas com urgência.

Tanto uma quanto outra afirmação me deixaram atônita, pois acreditava que a importância de uma pesquisa sobre a vida e a obra de Ercília fosse inquestionável. Primeiro, porque ela denuncia, em uma época pioneira, a situação de opressão social e sexual vivida pela mulher; segundo porque o estudo de sua trajetória fornece elementos para a recuperação da história social brasileira nas primeiras décadas do século XX; e finalmente, porque para mim, leitora dos livros de Ercília, quase 60 anos após a publicação dos mesmos, eles foram de grande importância para a reflexão sobre a minha condição de mulher, ao contestarem o modelo tradicional de comportamento im-

posto ao nosso sexo e oferecerem uma outra opção além daquela de mãe e esposa. Cláudia, personagem principal de *Virgindade Inutil* ao se rebelar contra os padrões de comportamento enfrentou situações difíceis, saindo porém enriquecida da experiência o que, sem dúvida, é um alívio para a maioria de nós mulheres cuja ameaça de uma infelicidade – trágica, atroz e imperativa – paira sobre nossas cabeças sempre que ousamos tentar outros caminhos.

Posso dizer ainda que com a leitura de *Virgindade Inutil* consegui apreender uma nova dimensão da sexualidade, ou seja, que “o sexo não tem sexo”. O prazer sexual pode ser obtido não importando o sexo do parceiro sem que para isso seja obrigatoriamente doente ou culposo e dividido nas categorias homossexual e heterossexual.

Nome de rua, de prédio ou de cidade são algumas das maneiras que se tem para homenagear pessoas tidas como famosas e cuja recordação acredita-se mereça ser perpetuada. A biografia também. Mas homenagem, em geral, cheira mofo – flores mortas esquecidas em um busto em praça pública – ou causam bocejos, lembrando discursos laudatórios e sem fim. Mesmo sabendo desses riscos, nos quais espero não cair, gostaria que este artigo tivesse esse caráter.

Também, ao tentar tirar a escritora do esquecimento talvez as crianças do ano 2000 tenham uma praça – com escorregador, balança e tanque de areia – chamada Ercília Nogueira Cobra e as mães e os pais e elas mesmas vivam numa sociedade onde a palavra feminista não só tenha perdido sua conotação pejorativa como, apenas, qualifique a luta empreendida pelas mulheres, *no passado*, pela conquista de sua dignidade como seres humanos.

DESCOBRINDO A OBRA

Os livros

Virgindade Anti-Hygienica possui como subtítulo “preconceitos e convenções hipócritas” foi publicado pela primeira vez em 1924 quando Ercília tinha 33 anos².

Este livrinho que mais parece um catecismo por seu tamanho minúsculo (13 cm x 9 cm), tem uma capa branca cortada por uma tarja vermelha onde se encontra escrito “a autora articula neste livro um verdadeiro libelo contra o egoísmo dos homens e diz, em linguagem crua, o que talvez todos pensem”.

Não sei se este resumo foi escrito por Ercília ou pelo editor mas dá, de maneira exata, o tom do

¹ Susan Besse refere-se à escritora em sua tese de doutoramento (1983) “O impacto do capitalismo nas mulheres, em São Paulo (1917-1937)”. A ela, meu muito obrigado, por ter cedido o xerox, da edição de 1927, de *Virgindade Inutil*.

² Por ordem de publicação: *Virgindade Anti-Hygienica*, São Paulo, Monteiro Lobato, 1924; *Virgindade Inutil* s.l.p., ed. da autora, 1927; *Virgindade Anti-Hygienica* s.l.p., ed. da autora, s.d., *Virgindade Inutil e Anti-Hygienica*, s.l.p., s.c.p., 1932; *Virgindade Inutil e Anti-Hygienica*, Paris, Societé D'Editions Oeuvres des Maitres Célèbres, s.d.

ensaio. À linguagem crua eu acrescentaria, ainda, eloquente e irada. Algumas vezes tem-se a impressão que as frases não foram escritas mas gritadas, seguindo o ritmo da revolta da autora contra os inúmeros preconceitos que não só martirizavam como também destruíam a existência feminina.

Nas 116 páginas que compõem esta primeira edição encontramos expressões em português vulgar ao lado de trechos de autores franceses citados no original. Numa destas citações Ercília afirma que tendo que tratar de "assuntos escabrosos" e não encontrando em autor nacional nada que se relacione com o que ela vai dizer, é obrigada, para justificar a sua opinião, a recorrer "a uma das maiores, senão a maior glória literária da França moderna – Anatole France" (p. 143)³. Ao lado de legitimar seus argumentos, acredito existir uma outra razão para a autora utilizar com tanta frequência as citações desse, como de outros autores, em francês: o conteúdo "escabroso" se dilui quando falado numa língua tida como culta.

Não se espere, portanto, uma obra de qualidade igual do começo ao fim, nem capítulos seguindo um plano rígido. Duas questões, todavia, parecem centralizar a empreitada da escritora: a do preconceito da inferioridade intelectual da mulher e a da diferença da moral sexual para os sexos, principalmente no que se refere à obrigação da mulher se conservar virgem após a puberdade e de só ter direito à maternidade quando autorizada pela sociedade e pela igreja.

Confrontando o comportamento humano com o das demais espécies animais, Ercília afirma que o homem é produto do meio e da educação. Conclui que a inferioridade intelectual da mulher só poderia ser provada se ela fosse educada em condição de igualdade com a do homem. A maneira pela qual vinha sendo dada a educação ao sexo feminino era errada. Esta educação de "flor de estufa", que não a preparava para o trabalho profissional, tinha seqüelas fatais pois resultava não só na degenerescência da raça⁴, como na situação de inferioridade intelectual e social da mulher – gerando, por sua vez, criaturas infantis, dependentes, sem o menor senso prático – além de ter a prostituição como uma das suas principais conseqüências.

"E extranham o nervosismo das mulheres. . .

E boquiabrem-se admirados, diante da falta de tino prático das filhas de Eva. . .

Plantam flores de estufa e querem colher frutos vulgares de alimentação!

Querem que uma menina anêmica, resultado de uma reclusão de anos e anos em colégios completamente leigos em coisas práticas, entre para o mundo e seja capaz de compreender a engrenagem terra-a-terra e complicadíssima da vida.

E admiram-se da futilidade da mulher!

E riem-se da infantilidade com que ela se lambuza de pinturas.

Obrigam a mulher a permanecer menor durante toda a vida por falta de uma instrução que a faça conhecer o mundo (. . .)

Mas, se já está mais que provado que o cérebro não tem sexo e que o indivíduo humano é um produto do meio e da educação, como exigir mentalidade consciente de um ser cujo cérebro é imbecili-

zado paulatinamente, mercê de uma educação que obedece aos mais estúpidos preconceitos?" (p. 154-5).

Partidária do amor-livre, defende a liberdade sexual com energia surpreendente. Denuncia a dupla moral sexual que estigmatiza a mulher – e não o homem – que tem relação sexual fora do casamento.

As mulheres que não conseguiram um marido, por não possuírem um dote ou por não se submetterem a um casamento por interesse, não têm o direito de satisfazer suas necessidades sexuais. Devem permanecer virgens pelo resto da vida ou utilizar sucedâneos e ainda são ridicularizadas como solteironas. Isso é injusto pois o prazer sexual para a mulher, como para o homem, é tão importante quanto o estômago.

O amor-livre, para Ercília, parece sinônimo de liberdade sexual e, não, amor entre seres livres e, *amor*, é o sentimento que nasce a partir da atração física, sendo que quase sempre não é recíproco. O casamento como estava instituído, afirma a autora, era uma coisa bárbara pois baseava-se no dote, um contrato de compra e venda, além de ser feito às escuras: entregava-se uma moça a um homem que apenas conhecia de vista sem lhe dar a possibilidade de trocar, caso após "provado", não fosse do seu agrado!

"Sim, senhores! Os homens, no afã de conseguirem um meio prático de dominar a mulher, colocam-lhe a honra entre as pernas, perto do ânus, num lugar que, quando bem lavado, não digo que não seja limpo e até delicioso para certos misteres, mas que nunca, jamais poderá ser sede de uma consciência.

Nunca!!!

Não se controlam sensações físicas.

Não se pode colocar a honra, uma coisa abstrata, ideal, no lugar menos nobre do animal racional.

Seria absurdo! Seria ridículo, se não fosse perverso.

A mulher não pensa com a vagina nem com o útero.

Com estes órgãos ela sente sensações agradabilíssimas é verdade. Com estes órgãos, quando os faz funcionar, ela goza os prazeres únicos que dão forças ao indivíduo para suportar as tristezas da vida. Por meio destes órgãos ela desfalece de prazer, mas justamente porque são sede de sensações físicas sobre eles não pode pesar lei nenhuma alheia à lei da natureza" (p. 167).

* *

Virginidade Inutil, novella de uma revoltada, editado em 1927, tem a mesma capa branca, amarelada pelo tempo, que o ensaio de 1924. A linguagem continua panfletária deixando porém transparecer uma Ercília irônica e chistosa. A temática também é a mesma só

³ Todas as citações dos livros de Ercília, contidas neste artigo, foram tiradas da edição da Societé d'Éditions Oeuvres des Maitres Célèbres.

⁴ Esta questão foi amplamente discutida por Tito Livio de Castro em *A mulher e a sociogênia*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1893.

que agora utiliza "a ficção" para reafirmar suas teses, usando os mesmos argumentos e, às vezes, até as mesmas palavras. A coragem parece maior pois maior é a veemência com que defende a liberdade sexual da mulher.

A sátira foi a maneira que a autora encontrou para desmascarar os "costumes e as convenções hipócritas" da sociedade. Não faz uma desmoralização gratuita ou destrutiva mas, construtiva, onde percebe-se claramente uma intenção didática. Talvez por isso tenha escolhido escrever um "romance", o que torna suas teses mais acessíveis aos leitores.

A exemplo de Jonathan Swift, autor de *As Viagens de Gulliver*, utiliza um país imaginário para fazer as críticas. Os "bocós", habitantes deste país são, todavia, o nosso retrato, possuindo as mesmas características físicas e vivendo em uma sociedade que é um espelho, de meio corpo, do Brasil de então.

A história se passa em Bocolândia. . .

"País fértil, cortado por rios, banhado pelo Atlântico numa extensão de 7.000 km, mais ou menos. Isto quer dizer que é um país de costas largas. . .

Solo riquíssimo capaz de produzir os mais variados produtos agrícolas, mas, os bocós, preferem cultivar o analfabetismo, o amarelão e o jogo do bicho.

Entre as aves a mais notável é a águia.

A população está dividida em três castas: a dos açambarcadores chamados também por antonomasia, piratas; a dos capangas, mantenedores do statu-quo; e dos que mourejam e pagam o pato.

A religião seguida é interessante, porque consiste em fazer exatamente o contrário do que manda o Evangelho em que se baseia.

A rôlha é um ingrediente muito usado no país. Ai do bocó que ousa dizer o que observa: os capangas que fazem escolta aos águias, caem em cima dele e acusam-no de estar difamando a pátria. Porque os capangas confundem pátria com o punhado de piratas que a exploram.

O analfabetismo é mantido de propósito a fim de que o povo se conserve em permanente estado de estupidez, e na cegueira de um medievalismo inconcebível no século XX.

Os leitores já adivinharam que a Bocolândia não é pseudônimo nem da Argentina, nem dos Estados Unidos" (p. 11-2).

O narrador, ou melhor a narradora, que leva sua indignação moral ao paroxismo, intervém sem piedade na narração ora pontificando sobre os acontecimentos, ora emitindo críticas e ensinamentos mas sobretudo justificando a trajetória de Cláudia: moça inteligente e observadora, criada em uma cidade do interior e, como a maioria das mulheres, educada para o casamento, que ao perceber sua sorte e a das mulheres ao seu redor – que valiam pelo dote, eram abandonadas, vilipendiadas e prostituídas se quisessem dar livre curso à sua sexualidade ou morriam virgens, estigmatizadas como solteironas – resolve rebelar-se contra os padrões de comportamento imposto ao seu sexo.

Inicialmente há um certo distanciamento entre a narradora e a personagem principal. À medida em que

Cláudia toma consciência de sua situação e decide "virar a mesa" não só ela começa a falar por sua própria boca – iniciando-se, então, os diálogos no livro – como o ponto de vista de ambas coincidem.

Mais que o abandono do lar materno, a perda da virgindade, por vontade própria (no banheiro do trem que a levava para Flumen, capital de Bocolândia) é que faz Cláudia se sentir livre. Porém esta liberdade tem como reverso a constatação de que a mulher sem guardião – marido, pai ou irmão – não tinha valor. Os poucos empregos que lhe eram oferecidos, dada a sua falta de educação profissional, visavam algo além do trabalho, e os hotéis decentes em que procurava hospedar-se não a aceitavam por estar só.

A mãe, arrependida da autorização dada à filha, manda buscá-la de volta alegando sua condição de menor e ainda virgem. Cláudia é submetida, então, a um exame para averiguação. Uma página dramática vivida sob protesto e outra constatação dolorosa: a mulher não é dona do seu próprio corpo.

"Na chefatura de polícia encontrou um delegado de fisionomia austera e bem-educado.

Com delicadeza a interrogou. Fez-lhe ver que menor e, segundo o telegrama recebido, ainda virgem. Neste ponto Cláudia o interrompeu:

– Há um equívoco, doutor. Não sou virgem.

– Ah! então o caso muda de figura pois a senhora vai dizer-me o nome do sedutor.

– Não poderei dizer o nome de um ente que não existe. Não fui seduzida. Saí de casa por livre vontade.

– Minha senhora, quase sou obrigado a desconfiar de que está mentindo. Com que fim não sei. Em todo o caso, o exame provará a verdade.

(. . .)

Deixada só, ficou a imaginar que exame seria aquele, e interrogou a respeito um tipo que se apresentara como médico.

– É muito simples, respondeu. Deseja-se saber se a senhora é ou não virgem.

– Ora esta, exclamou Cláudia, pois tendo já declarado que não sou, que querem mais? Sou uma mulher livre! Não me sujeitarei a essa barbaridade incomoda. Era o que faltava! Exibir a intimidade do meu sexo para um homem ver o uso que fiz do que é meu! Nunca!

– Muito bem, disse o médico, mas é o único meio da senhora ficar livre. Se de fato teve relações com um homem como diz, a lei a considera maior.

– Neste caso deixo-me examinar, mas lavro o meu protesto contra uma exigência tão bárbara e estúpida.

– Mas que apenas protege a mulher, minha senhora.

– Protege a mulher rebaixando-a à categoria de rez!" (p. 47-8).

Conhece então a sorte das mulheres que viviam em asilos religiosos destinados à recuperação de "perdidas", de onde saiu, por rebeldia, após dois meses.

O ambiente social que passa a viver é o da prostituição. Prostituição vivida por dentro, vista com o olhar de meretriz, aquela que se sente usada como

"escarradeira". Mas, também neste universo há gradações. À prostituta sobrepõe-se a cortesã: mulher "feliz e adorada (...) a única que, esmagando o coração, sabe prender ao focinho do macho a argola da volúpia por onde o conduz, como um cão, a todas as concessões" (p. 43).

E já como cortesã que, em Buenos Aires, conhece pela primeira vez o amor, justamente por um farsante. Apenas mais um, ela não se ilude, pois não há diferença entre os homens: salafrários, atrevidos, impertinentes, carrascos, sórdidos, falsários, crápulas e, principalmente, egoístas. Em uma palavra, a imagem do deus fenício Moloch: diabo do deserto que se alimenta do sangue de crianças.

Após a separação e fuga do amante, Cláudia constatou que estava grávida. Sozinha teve uma filha – "uma verdadeira filha da mãe" – a quem chamou *Liberdade*. Questionada por uma amiga sobre a aparência da criança, já que não se parecia com ela, afirmou que a menina também não se parecia com o pai mas com uma antiga colega de profissão, nos braços de quem procurara esquecer as tristezas logo após a fuga do amante.

Parte então para a Europa e, em Paris, no teatro, encontra um antigo pretendente de Bocolândia aquele que a abandonara, tão logo soubera que o avô tinha morrido sem deixar um dote razoável para a neta.

Depois das exclamações usuais em tais encontros, Cláudia, que estava doida por saber quem fora a vítima que permitia ao médico pobre aquele prazer caro, interrogou-o com jeito. E riu-se intimamente ao ouvi-lo dizer que fora a irmã da Joaquina Mattos.

Assim o papai trabalhava na roça para os genros gozarem a vida em Paris!

Ah! Pecado contra o pecador!

Davam educação idiota às filhas e a consequência era os genros deixarem-nas em casa enquanto se gozavam dos cobres com outras. Bem feito!

– Então, realizou-se afinal o seu sonho doutorado, doutor: gozar as francesas!

O médico sorriu, satisfeito.

– E onde está sua mulher? Continuou ela.

– Está no hotel. Pretextei um negócio e saí.

E voltando-se para Cláudia com os olhos brilhantes de desejos:

– Você está deslumbrante, filhinha!

Mas Cláudia sacudiu os ombros e despediu-se. Já sabia o que queria saber.

Do que escapara!

Se tivesse dote cairia nas garras daquela miserável e seria ela quem a tais horas estaria fechada num quarto de hotel, sozinha numa cidade estranha, enquanto o marido se regalava com seu dinheiro!

Sim, minhas senhoras! É para casar com tipos daqueles que as mulheres guardam a castidade e conservam-se como botões fechados a vida inteira – quando possuem dote. . .

Virgindade idiota!" (p. 127-8).

Assim, termina o livro.

* *

Ercília se auto define como livre-pensadora. Assim ela se coloca nos livros. Como livre-pensadora crítica as verdades tidas como indiscutíveis tais como os dogmas religiosos, a crença na inferioridade da mulher e a diferença da moral sexual para os sexos. Sua relação com o feminismo e as feministas é de aproximação e crítica. Nunca, porém, se nomeia como tal.

A escravidão da mulher tem origem na religião. Todas as religiões oprimem a mulher, verbera Ercília mas, tece elogios a Cristo a quem chama de "meio filósofo", um dos únicos homens (o outro é Victor Marguerite autor de *La Garçonne*) que teve pena da mulher e foi "deveras feminista". Mais do que a religião em si, o clero por seu comportamento dissoluto recebeu severos sermões de algumas escritoras do período, não sendo este poupado, também, por Ercília.

Quanto à questão da inferioridade física e intelectual das mulheres a escritora busca justificar seu parecer através da natureza, da observação dos animais. Conclui que a mulher só é diferente do homem devido à educação e que a educação profissional, para o trabalho seria um dos caminhos para por fim à dependência feminina. Os trabalhos que Ercília reivindicava para a mulher são sobretudo os praticados nas profissões liberais.

Inteligência igual à do homem, dependência econômica como um dos fatores que determinavam a subjugação feminina e necessidade de uma educação melhor eram idéias defendidas por muitas mulheres e documentadas na imprensa e em obras de ficção do período. Ercília porém *não faz distinção* entre profissões masculina ou feminina nem toca na questão da necessidade da mulher escolher um trabalho fora que se concilie com a vida do lar, tônica da maioria dos escritos de então. Vai mais além: denuncia a dupla jornada das trabalhadoras rurais e das operárias bem como a inferioridade salarial destas últimas em relação a seus companheiros de trabalho.

A crítica que faz à diferença da moral sexual fundamenta-se também na natureza: "As sensações de fome, de sede, de gozo, justamente por que são as que garantem a conservação do indivíduo e da espécie, são de uma violência contra a qual as leis morais, os anátemas e as convenções nada podem" *ou ainda*, "o ente humano pode conseguir pela educação chegar a não matar, não roubar, não meter o dedo no nariz; nunca poderá, porém, deixar de comer, de beber ou de satisfazer seus desejos sexuais sem grave risco para a saúde" (p. 168).

Dentro desse contexto é que devem ser entendidas as suas críticas ao casamento, ao dote, ao tabu da virgindade, a indissolubilidade do matrimônio e à família patriarcal.

As censuras ao casamento por interesse são uma constante na literatura feminina contemporânea. É tema de Júlia Lopes de Almeida em *A Isca* (1922), de Abel Juruá em *Nhê-Nhê Rezende* (1918), em *Flores Modernas* de Mme Chrysantheme (1921), entre outras. Quanto as idéias de Ercília sobre a questão da regulamentação "oficial" da sexualidade existe – até o que se é dado a conhecer sobre as escritoras do período – pequena paridade, excluindo-se talvez Maria Lacerda de Moura⁵.

Ercília separa a reprodução da sexualidade, dan-

do exclusivamente à mulher o controle do uso do próprio corpo seja para o prazer (defende as práticas contraceptivas, mesmo o aborto) seja para a maternidade consciente, daí a necessidade de um trabalho lucrativo para poder sustentar a si e a própria prole: "Por falar de força e de luta pela vida é bom observar que entre os animais a fêmea se desencarrega perfeitamente bem da missão de sustentar seus rebentos, as carnívoras vão à caça. A leoa é tão feroz como o leão e a tigre como o tigre" (p. 158).

A maneira pela qual a mulher deveria conciliar a maternidade e o trabalho profissional é resolvida a partir da ótica da classe dominante, através de serviços prestados por criados. Em caso de orfandade a criação dos filhos ficaria a cargo do Estado. O pai não tem direito algum nem mesmo o de dar nome ao filho. Crítica "as feministas" (p. 180) que pregavam a necessidade de uma lei para investigar a paternidade nos casos de filhos naturais. O direito da mãe ao filho é simbolizado de maneira contundente em *Virgindade Inutil*. Liberdade, filha de Cláudia, não tem nem mesmo os traços físicos do seu progenitor mas, os de uma mulher (p. 120)⁶.

Para Ercília não há possibilidade de um relacionamento igualitário entre os sexos, daí a necessidade de se educar as mulheres para o trabalho e para a compreensão da sua situação na sociedade.

"É esta a obrigação das mães: esclarecer as filhas. Deixem os homens em paz!

Basta de tanto rastejar aos pés da insensibilidade e da covardia!

Poltrões, os homens que sem coragem de colocar-se no mesmo pé de igualdade com as mulheres com receio de serem vencidos, encorajaram-se de leis e, amparados pela força armada, cometem as maiores barbaridades contra suas próprias mães e filhas!

Mulheres, despertai!

Abrí os olhos e vede ao redor de vós as milhares de companheiras, as que sofrem os maiores martírios!

Piedade para tantas infelizes.

E se nada é possível fazer para libertar as que já se acham no lodo dos bordéis, preparai as mulheres do futuro. Fazei da mulher um ser consciente, que saiba resistir ao homem e pelo trabalho seja livre" (p. 181).

Ora se colocando na linha de frente do feminismo de seu tempo sobretudo pelas críticas que faz ao papel tradicional da mulher na família e pelo reconhecimento da importância da educação da mulher para uma participação efetiva na produção, ora caminhando junto de suas contemporâneas na defesa do sufrágio feminino – sem contudo considerá-lo a panacéia para a emancipação da mulher – ou ainda usando argumentos pouco fundamentados e mesmo abandonados por muitas mulheres consideradas feministas, Ercília parece ter levado sua empreitada sozinha, sem ligação com nenhum dos grupos femininos ou feministas que se formavam então, movida apenas pela crença que através dos seus livros estaria contribuindo "como um grãozinho de areia" para que a liberdade das mulheres chegasse o mais depressa possível.

Editores, livreiros, leitores

Virgindade Anti-Hygienica e *Virgindade Inutil* são os dois únicos livros publicados da autora localizados, até o momento. Na última contracapa da 2ª edição de *Virgindade Anti-Hygienica* há anunciado como próximo lançamento, o livro *O Filho da Mãe*. Seria o original deste livro que Ercília, na carta escrita à sua irmã Marina (Caxias do Sul, 07.04.1937) dizia estar pretendendo publicar?

Segundo Fulvio Abramo parece que Ercília, por volta de 1917, teria colaborado numa revista de tendência anarco-socialista chamada *Gesta* ou *Giesta* (flor que simboliza vida, continuidade), revista esta que também não foi localizada. De fato, existe uma semelhança temática entre os escritos anarquistas e socialistas e aqueles deixados pela escritora principalmente no que se refere ao anti-clericalismo, à defesa do amor livre e às críticas ao casamento.

Esta semelhança temática que lhe valeu a admiração de Edgar Rodrigues – "li gostei de sua rebeldia e sua contestação contra os convencionalismos 'santificados' pela Igreja Católica, firmado por legisladores, defendido por políticos, machistas, aceitos pela maioria das mulheres e garantido pelo Estado! Vi na escritora uma mulher corajosa, misturando frustrações e revolta e com elas, numa época em que poucas mulheres no Brasil tinham o 'atreimento' de contestar o estado de desigualdade social e humana em que viviam, defender com palavras contundentes um direito que era dado aos homens, a poucos homens!" (depoimento por carta) – deve ter sido responsável, ainda, pela sua fama de mulher "de esquerda" e "socialista". Porém não consegui detectar no discurso da autora, a preocupação com uma sociedade igualitária – sem classes sociais para todos os seres humanos como, também, a crença que a opressão sofrida pela mulher teria fim no dia em que houvesse uma sociedade sem classes. Igualdade sim, exige Ercília para as mulheres mas no que se refere à educação, ao trabalho, ao salário, aos direitos civis e sobretudo, ao controle do uso do próprio corpo.

Se, atualmente, só a partir de uma pesquisa bibliográfica sistemática sobre mulheres escritoras que foi possível recuperar a existência dos escritos de Ercília⁷, no passado a repercussão dos seus livros deve ter sido grande se levarmos em conta suas sucessivas edições bem como a lembrança, por parte de várias pessoas, do escândalo que causaram.

Não é de se estranhar que a primeira edição de *Virgindade Anti-Hygienica* (1924) tenha sido publicada

⁵ Ver, sobre a questão, a tese de doutoramento do Miriam L. Moreira Leite: *Caminhanhos de Maria Lacerda de Moura* (1983).

⁶ Esta questão, de Liberdade se parecer com a espanhola com que Cláudia teve relações sexuais, por mais bizarra que possa parecer não está fora das idéias veiculadas naquele tempo. Maria Lacerda de Moura diz que a mãe grávida tem possibilidades de modelar fisicamente seu filho a partir da sugestão (Moura, 1929, p. 61).

⁷ Durante o levantamento bibliográfico feito pela Fundação Carlos Chagas (1975-1981) que resultou a *Bibliografia Anotada da Mulher Brasileira* Vol. 1 (1979) e Vol. 2 (1981).

por Monteiro Lobato, autor a quem Ercilia faz elogios e, editor que além de ter faro comercial, privilegiava escritores novos em detrimento de medalhões. Em julho a *Revista do Brasil*, também editada por Lobato faz uma menção ao livro na seção "Bibliografia": "Raras vezes se depara ao registro bibliográfico obra tão curiosa como esta. A começar pela apresentação material e pelo título, que despertam atenção ao mais despreocupado dos leitores, tudo se alia para que se lhe faça a leitura. E a leitura, logo às primeiras páginas nos convence de que estamos em face de um temperamento originalíssimo, de uma escritora como poucas se encontram em nosso país.

Não queremos dizer com isto que se trate de uma estilista. A sra. E.N.C. é estrepante e, como tal, se apresenta com falhas que só o tempo há de banir. O que não há de negar, porém, é que seu trabalho se caracteriza por muita personalidade: pensa por si e diz o que pensa em linguagem crua, com uma coragem, que não encontra nem mesmo nos arraiais do outro sexo" (p. 244).

Esta primeira edição de *Virgindade Anti-Hygenica*, foi apreendida pelo polícia. A segunda, editada pela própria autora. Possui a mesma capa da anterior tendo acrescida a introdução onde afirma que a edição de 24 havia sido apreendida por ser considerada pornográfica. Parte desta introdução é, na realidade, uma carta que ela escreveu aos jornais onde justificava sua temática enfatizando, sobretudo, a questão da necessidade da educação profissional da mulher, como forma de se combater a prostituição. Esta carta não foi publicada nos jornais da época, nem mesmo na *Seção Livre*, diz a autora e completa a apresentação com uma "nota" onde afirma que não foi possível combater pelos jornais a arbitrariedade da proibição "devido a situação anormal" que atravessava, então, o país. É preciso lembrar que naquele ano, São Paulo foi sacudido, em julho, pela revolução do general Isidoro Dias Lopes, que depôs o governador Carlos Campos e que pretendia dominar a capital fazendo, aqui, a base de suas operações, marchar para o Rio de Janeiro e derrubar o Governo Federal. O presidente Artur Bernardes (1922-1926) não só investiu contra a liberdade de imprensa, como penalizou autores e editores de material considerado subversivo, principalmente aqueles produzidos pelos anarquistas (Hallewell, 1985, p. 368).

Virgindade Anti-Hygenica não foi o único livro apreendido no período. *Melle Cinema* de Benjamin Costallat foi retirado da livraria Leite Ribeiro devido à denúncia de Pio Ottoni, membro da Liga Pró-Moralidade. O argumento utilizado para a apreensão foi o mesmo – pornográfico – porém a Costallat deram um espaço na imprensa para defender sua obra: "Foi apreendida brutalmente, como um rele livro pornográfico, vendido por qualquer engraxate". Se não puder viver da literatura, continua o autor, iria aprender "a bater carteira que pelo menos é uma respeitável profissão com que se ganha tranquilamente a vida sem ter, com a polícia, os encomodos que a literatura tem me dado" (*Jornal do Comércio*, 31.08.24, p. 1, apud Martins, 1977-1978).

À leitura feminista, eugênica, libertária dos livros de Ercilia deve ser acrescida aquela que lhe atribui parte do público, dos próprios editores e dos livreiros (pelo menos da edição de 1932): o obsceno. Reunidos

em um só livro, o ensaio e a novela – que passou a chamar-se *Virgindade Inutil e Anti-Hygenica* – publicado em 1932, tem todas as características de um livro pornográfico⁸. O editor, que deslocou o ensaio para segundo plano, inicia o volume com a *ficcão*. No livro, não aparece a casa publicadora, dado até certo ponto comum neste tipo de publicação onde as editoras, temendo represálias ou terem os seus nomes "queimados", inventam – até hoje – nomes falsos ou simplesmente não colocam seus nomes nos exemplares. Na capa, uma gravura colorida de mulher, de cabelos curtos "*a la garçonne*", unhas pintadas, aparece abrindo um chale que deixa à mostra o corpo nú. Perfis de figuras femininas nuas, em várias posições, servem de moldura a esta gravura onde a mulher teve o seu sexo e seios repintados por um dos leitores do livro que, também achou por bem transformar o título, acrescentando um *é*, à mão, com caneta esferográfica: *Virgindade é inútil e anti-higiênica!*

Este volume, comprado em 1935 por Manuel Marques da Silva, foi localizado em 1980 num sebo no Rio de Janeiro, estando classificado na seção de sexologia, um verdadeiro saco de gatos que incluía des- livros de medicina até romances considerados pornográficos.

Lidos escondido no banheiro, guardados enca- pados de baixo do travesseiro e circulando entre ado- lescentes de colégio interno, os livros de Ercilia não eram recomendados para moças. As poucas que se aventuravam a ler não tinham nem mesmo a coragem de comprá-los nas várias livrarias onde eram vendi- dos, sendo necessário que algum amigo fizesse isso por elas.

Em casa, quando o pai possuía o livro era-lhe destinado um lugar de difícil acesso para que as de- mais pessoas da família não o encontrassem. Em caso de morte do progenitor, a viúva se desfazia desse e dos demais livros tidos como "não recomendáveis" – jogando fora, vendendo ou queimando – mas nunca deixando de herança. Quanto encontrá-los nas bibliotecas públicas, nem pensar⁹. . . Nos anos 40, corria como piada na Faculdade de Filosofia de São Paulo, na antiga Maria Antonia, que determinado aluno (hoje falecido), andava com os livros de Ercilia de baixo do braço para emprestar às suas colegas com o objetivo de convertê-las ao amor-livre¹⁰.

Ercilia teve leitores além dos grandes centros, São Paulo e Rio de Janeiro, espalhados por outras ci- dades do interior, como São Vicente, Mococa e Ribeir- ão Preto e nos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Isto talvez se deva, em parte, a Lobato e ao seu fantástico sistema de distribuição. Os

⁸ Lobato também acreditava no valor comercial desse tipo de literatura: "Nunca se vendeu bem um livro neste país, exceto os pornográficos" (Fiorentino, 1982, p. 88).

⁹ Jamil A. Haddad (1961, p. XVI) afirma que a Biblioteca Municipal Mário de Andrade tirou Sade do seu acervo para que os adolescentes não o lessem e, Otto Maria Carpeaux (1958, p. 7) também falando de Sade, afirma que "as bibliotecas públicas guardam o volume no chamado 'inferno' dos livros malditos (e que) as bibliotecárias não o entregam sem autorização especial do diretor".

¹⁰ Depoimento de Rui Coelho.

livros passaram a ser vendidos "em todo tipo de loja de varejo, de farmácia a padarias". Os únicos lugares que o editor não os vendeu foi nos açougues por temor que eles ficassem sujos de sangue! (Hallewell, 1985, p. 245). Parece que os livros de Ercília, também chegaram ao exterior, Argentina ou Espanha, de onde um médico teria pedido a escritora em casamento, **por carta**, pela coragem de suas idéias¹¹.

O nome Ercília Nogueira Cobra não desperta nenhuma lembrança para a maioria da geração de intelectuais, escritores e livreiros com mais de 60 anos, que procurei. Identificada a partir do título dos livros, vem à memória o escândalo que eles causaram quando da publicação, escândalo este que pode ser percebido pelo depoimento de uma parenta distante: o bispo de Ribeirão Preto proibiu sua leitura, o vigário de Casa Branca expulsou-a da igreja e disse que os livros eram obra do demônio e as pessoas fechavam as janelas quando ela passava¹².

Se, porém, o critério para avaliar o alcance que tiveram os livros de Ercília – e sua repercussão junto ao público – fosse o da manifestação da crítica e de estudiosos em geral através da imprensa ou de outros tipos de publicações, como histórias da literatura e dicionários bio-bibliográficos, poderia se dizer que a repercussão teria sido nula: apenas dois livros desconhecidos como afirmou meu amigo sociólogo.

Este silêncio pode ser atribuído, em parte, ao conteúdo "demoníaco" da sua obra – silenciar sobre ela era uma maneira de se evitar que a curiosidade fosse despertada em possíveis leitores – como, ainda, à interferência familiar já que, como me foi dito, a primeira edição de *Virgindade Anti-Hygenica* teria sido apreendida a pedido da família. Prestígio para tanto acredito que os Ribeiro da Silva, pelo lado materno, e os Nogueira Cobra, pelo paterno, tivessem¹³. A estas duas razões talvez deva ser acrescida uma terceira: a da própria vida da escritora.

ENCONTRANDO, REFAZENDO, PERDENDO: A VIDA

"Toda criança do sexo feminino que nasce é uma futura escrava. Escrava do pai, do marido ou do irmão. Poucas mulheres de espírito forte resistem aos preconceitos. Quase todas curvam-se medrosamente diante deles.

E as poucas que resistem vivem em guerra aberta com a sociedade" (Cobra, s.d., p. 165).

Tentar recuperar a história de Ercília através dos relatos familiares é extremamente difícil e complicado. A todo momento tem-se a impressão que "avançamos o sinal vermelho" enquanto que o entrevistado parece sentir que o surpreendemos "de calças curtas". Outras vezes, há a recusa pura e simples de fornecer as informações. Ercília parece não ser apenas a "ovelha negra" da família mas a "maldição", o estigma que carregam todos os Nogueira Cobra, sejam eles parentes próximos e mesmo muito distantes. Outras vezes porém percebi que havia uma certa fascinação em se falar sobre o tema tabu como também alívio, semelhante àquele que se sente após não se ter mais nada para esconder.

A documentação levantada sobre a vida da es-

critora, mais os depoimentos de familiares e de conhecidos, e os dados contidos nos livros, não dão conta de traçar a trajetória de Ercília de forma contínua, existindo períodos inteiros sem nenhuma informação. Até o momento não é possível, por exemplo, afirmar ao certo se ela ainda vive ou não. Na certidão de nascimento lavrada em Mococa (01.10.1891) não há nenhuma referência sobre a sua morte, apesar do artigo 114 do Decreto Federal 4.857 de 09.11.1939 determinar que os óbitos sejam comunicados ao Cartório de Registro Civil em que foi lavrada a certidão de nascimento¹⁴.

O que se segue, é o que pude apurar sobre a sua vida: Amador Brandão Nogueira Cobra, pai de Ercília, era natural de Baependi¹⁵. Deixou gravado na memória dos netos além dos gestos finos e delicados, da perícia como advogado e da falta de tino comercial, o casamento que realizara por interesse com a avó Zina, o gosto pelas "francesas" e o desprezo demonstrado à mulher quando esta lhe dera a quinta filha. Certa feita, quando ainda solteiro, visitando Casa Branca, no interior de São Paulo, perguntou quem era a moça mais rica da região, sendo-lhe apontada Jesuina, a Zina, filha de Mariana e Raimundo Estellino Ribeiro da Silva (então falecido) e enteada do coronel José Júlio Macedo, donos de mais de 2 milhões de pés de café. Advogado que não cobrava as causas, deputado estadual relacionado com destacados políticos, Amador parece não ter aumentado o patrimônio familiar. Com a morte do coronel José Júlio, seu sogro, a família perdeu todos os bens. Há indícios de que ele teria não só sido assassinado, como houve uma apropriação ilícita da fortuna da família por parte de um comissário de café de Santos. História dolorosa, guardada com muita revolta, sendo apontada como causadora da derrocada familiar, incluindo-se a própria trajetória de Ercília. À morte do coronel José Júlio, segue-se a morte de Amador (1906 ou 1907), atribuída ao desespero da situação. Novo golpe familiar, causado por falsas amizades: a Parahyba, fazenda que sua mulher recebera de herança com a morte do pai, estava penhorada. Foi então que Jesuina, revoltada, teria colocado fogo na biblioteca do marido.

Estella e Ercília, filhas mais velhas do casal¹⁶, já mocinhas, acostumadas a viver com a avó, no elegante bairro dos Campos Elíseos em São Palo, onde possuíam governanta estrangeira, foram obrigadas a viver

¹¹ Depoimento de Izabel Cobra Monteiro.

¹² Depoimento de Maria Custódia Mucci.

¹³ Não se pode esquecer que Washington Luiz, amigo da família era, na época, governador de São Paulo (1920-24) e foi senador, entre 1924-26.

¹⁴ Elza Berquó verificou que, no Brasil, o número de registro de óbitos femininos são em menor número que os masculinos (*Cadernos de Pesquisa*, 56, p. 28).

¹⁵ Segundo Antonio Candido, pelo lado paterno, o escritor Oswald de Andrade descendia dos Nogueira Cobra de Baependi.

¹⁶ Por ordem de nascimento: Estella, Ercília, Noemia, Paulo, Marina e Maria Amélia.

confinadas na fazenda com a mãe, fazenda que como foi dito, não lhes pertencia mais, pois dentro de alguns anos, a penhora poderia ser executada.

O desprezo devotado por Ercília às irmãs menores – descalças, crédulas, caipiras – o gênio arrasador, o martelar contínuo do piano são os traços deste período que deixaram marcas no relacionamento futuro entre as irmãs e que foi assimilado pelos sobrinhos. À mágoa porém soma-se a admiração da tia, mulher inteligente que teria curado a gagueira da irmã caçula, obrigando-a a declamar com a boca cheia de pedras, método aliás usado pelo orador grego Demóstenes.

Foi nesta época (+ 1909) que deixaram o lar materno. Fugidas, acompanhando um circo de cavalinhos – disseram alguns; com autorização materna – disseram outros. Dona Jesuina teria vendido os brincos de brilhante e dado o dinheiro às filhas.

O recolhimento de Ercília, então com 17 anos, e, de Estella, com 19, no Asilo do Bom Pastor, por ordem do secretário da Segurança Pública Washington Luiz, deveu-se a um pedido de D. Jesuina sentenciaram-me. Uma prima as teria visto em Santos, num circo de cavalinhos.

O Asilo do Bom Pastor, dirigido pela Congregação Religiosa do mesmo nome, tinha entre suas atividades “trazer para o rebanho a ovelha desgarrada”. Fundado em São Paulo, em 1897, numa colina no alto do Ipiranga, contou para a sua construção com a colaboração da elite local, incluindo-se o próprio governador do estado, Manuel Ferraz de Campos Sales. Iniciou suas atividades com uma seção de *preservação*, ou seja, um colégio para meninas pobres. A manutenção da casa era, em parte, subvencionada pela criação do bicho da seda, cujo tecido fabricado pelas educandas tornou-se afamado. Por volta de 1907 o Bom Pastor possuía um asilo para órfãs, uma seção para reeducandas e um externato para crianças pobres além do convento com suas religiosas e noviças. O número de reeducandas aumentou “desde que as autoridades responsáveis vieram a ter conhecimento de que as irmãs do Bom Pastor tinham a missão de proteger, educar e preparar para a vida menores difíceis” (Campos, 1981, p. 74). Ao entrar no Asilo era determinado que as reeducandas mudassem de nome. Estella recebeu o de Maria Lucrecia e, Ercília, o de Maria Madalena. Por ordem do mesmo secretário Ercília foi daí retirada 4 meses depois, 20.07.1909 e levada para a chefatura de polícia, e sua irmã sairia com a mãe, no dia 28 para retornar, por vontade própria em 13.08.1909, saindo novamente com a mãe a 12.05.1910¹⁷.

Este incidente, a passagem pela polícia, talvez seja o mesmo que uma neta do coronel José Júlio, um pouco envergonhada, me contou: “por um motivo que não se sabe qual, as irmãs foram chamadas para prestar depoimento na delegacia e, entre si, Estella e Ercília começaram a falar francês. O delegado por sua vez exprimiu-se na mesma língua. Daí para a frente, passaram a conversar em alemão”¹⁸.

Vamos reencontrar as irmãs já moças feitas, em 1914, na pequena cidade de Pirassununga onde acabara de ser fundada a Escola Normal Primária. Melhores alunas da turma, Ercília e Estella eram também as alunas mais velhas e as que menos faltavam às aulas¹⁹. Dona Aparecida Arantes Firmino, antiga colega

de classe lembra-se muito bem das duas, pela inteligência e cultura como, também, pela arrogância. Ercília era muito alta, mais magra e mais briguenta que a irmã: parecia, de fato, uma “revoltada”.

No ano seguinte Ercília foi transferida para a Escola Normal Primária de São Paulo, na Praça da República. Formou-se em 1917, em primeiro lugar. Aí também assustava um pouco suas colegas por discutir de igual para igual com os professores. Era porém benquista pois, entre outras coisas, ajudava suas companheiras nas tarefas escolares. É deste ano, a página escrita no álbum de recordação de Cybel.

“Gentilíssima e inteligente Cybel

Após a leitura das páginas que me precedem sinto-me completamente falta de expressões eloqüentes que possam exprimir meus sentires a teu respeito.

Apesar disso quero deixar em simples frases o meu reconhecimento pela tua gentileza.

Desde o primeiro ano em que tive a ventura de te conhecer foi grande a minha simpatia pela tua pessoa e admiração pela tua inteligência lúcida que jamais se atrapalhou diante de provas orais com qualquer professor que te interpellassem.

E com simpatia, inteligência e beleza que são os dotes que te adornam a mocidade risonha é fácil vencer. . .

Ercília Cobra

São Paulo, 13 de novembro de 1917²⁰.

Ao se formar, Ercília teria sido alvo de uma injustiça a qual reagiu com violência. Fato lembrado pela família sob duas versões: na festa de formatura por não ter recebido o primeiro lugar²¹, que era seu de direito, devido à “*brilhante colocação*” teria não só rasgado o diploma como, ainda, dito em público durante a festa, que a premiação fora fraudulenta, pois privilegiara-se fulana de tal, que era filha de um coronel em detrimento a ela, que não era filha de ninguém. Por ter sido preterida na nomeação como professora para a vaga escolhida, que tinha direito devido à “*brilhante colocação*”, Ercília teria, então, rasgado o diploma.

Segundo o *Diário Oficial do Estado* (1918, p. 286-8), Ercília Nogueira Cobra prestou concurso para uma vaga como professora, sendo a primeira colocada. Foi nomeada para a Escola Mixta Isolada do Morro, em Mogi-Guaçu, não chegando porém a assumir. Quem assumiu sua vaga foi a professora colocada em segundo lugar, Dona Eugenia Selingardi (p. 1366).

¹⁷ Registros das Internas – Seção das maiores (1907-1925) – Asilo Bom Pastor – São Paulo.

¹⁸ Depoimento de D. Nena Arantes.

¹⁹ Registro de Notas e Registro de Faltas – Escola Normal Primária de Pirassununga (sexo feminino, 1914).

²⁰ Fornecido gentilmente por Altair Carneiro de Almeida (irmã de Cybel).

²¹ Registro de Notas – Escola Normal Primária de São Paulo (sexo feminino, 1917).

Neste tempo Ercília ainda visitava livremente a família. Em São José do Rio Pardo freqüentava festas e bailes familiares. Falante, chistosa, aglomerando rapazes em volta de si, é a imagem guardada por um antigo morador da cidade, Dr. Vicente Dias Pinheiro que a viu, apenas duas vezes na vida, há quase 70 anos atrás.

Talvez seja desta época a lembrança de D. Nena Arantes. Sempre associando Ercília e Estella e frisando que ouviu falar pouco das irmãs, recorda-se que tinham idéias muito avançadas para a época, falavam alto e forte e eram exageradas, modernas, no se vestir e pintar.

É a partir dos livros que sabemos de Ercília nos anos que se seguem até meados da década de 20: freqüentava o teatro no Rio de Janeiro, esteve na França (1920) e em Buenos Aires. Conheceu prostitutas, ouviu-lhes as queixas e confidências, bases para os seus livros. Apaixonada por poesia, leitora de jornais e revistas da época dos quais possuía uma coleção de recortes, Ercília conhecia autores estrangeiros em voga como Anatole France, Nietzsche, Victor Marguerite, Binet, Jean Marestan além de Flaubert e Zola como, também, escritores nacionais contemporâneos, destacando-se dentre eles Monteiro Lobato, Júlia Lopes de Almeida, Fernando de Azevedo e Mario Pinto Serva.

O testamento feito em 1929 em São Paulo, no 13º Tabelião de Notas, e conservado por uma sobrinha, nos dá mais algumas informações: tinha 38 anos,



Ercília no Rio de Janeiro-1929

era solteira, não possuía filhos. Elegeu como herdeira sua irmã Estella alegando que por esta ser solteira os bens recebidos, por herança ficariam com ela e com a mãe, sem passar às mãos de nenhum homem (leia-se: cunhado ou irmão).

Desde 1929, todos os negócios de Ercília, incluindo-se a propriedade de uma casa, estavam sob os cuidados do corretor Haroldo Soares Caiuby cujo escritório ficava na Praça da Sé, em São Paulo.

As relações com a família tornaram-se tensas, Ercília não era recebida pelo irmão. A cunhada foi obrigada a deixar a casa da sogra, com o filho pequeno doente, quando soube que Ercília ia visitar a mãe, em Tambaú. Mãe e filha continuavam no entanto a se ver, telefonar e escrever. Dona Zina conservava uma foto das filhas mais velhas, escondida por detrás da porta do armário.

Vamos reencontrá-la em 1934, aos 43 anos, em Caxias do Sul (Rio Grande do Sul). Ercília, em carta para a mãe afirma que mudou-se para lá devido ao clima. Af, se chamava Suzana Germano. Para a Pensão Royal é que a mãe deveria mandar a correspondência.

Tentar recuperar a passagem de Ercília por Caxias partindo-se das informações fornecidas à mãe é muito difícil. Para a maioria dos velhos moradores da cidade Pensão Royal e Suzana Germano nada significavam. Identificada por Suzy do Royal, logo vem à lembrança a pianista, culta e temperamental, mulher elegante, sempre vestida de *tailleur* escuro com chapéu de feltro e uma pasta, que todas as tardes ia sentar-se na praça e ler um jornal ou uma revista.

Suzy teria vindo do Rio e quando chegou foi ser pianista da Jovina, dona de um conhecido "dancing" da região. A casa de diversões, de que era proprietária e à qual se refere em carta para a irmã Marina (Caxias, 10.03.38) era na realidade um cabaré. O Royal localizava-se na Rua Bento Gonçalves onde se situava a zona de meretrício com seus cabarés e casa de cômodos. Não era o maior em tamanho, nem de movimento, nem mesmo aquele que possuía mais mulheres. Era uma casa apreciada pelos freqüentadores mais "duros" pois não eram obrigados a consumir o "moscatel". Tinha dança, orquestra e mesas - o salão do "jazz" - cozinha e, na entrada, porteiro e chapeleiro. Havia também quarto para as mulheres mas não havia banheiro com chuveiro: usava-se a bacia. Era um chalé de madeira, de dois andares, com sótão em cima, o que é muito comum na região.

"Suzy não era prostituta", me disseram. Era uma mulher fina, que se vestia com elegância sem espalhafato. Seu quarto era sempre fechado, não saía de lá nem para almoçar e não era vista em companhia de homem. Um músico que dava "canja" no Royal jamais chegou a trocar duas palavras com ela!

Os relatos sobre a mulher "temperamental" se sucedem: "quando não tinha movimento ela ficava batendo no teclado do piano e punha todo mundo para fora (...), em outra ocasião faltando fregueses, subiu no sótão e gritou - fogo! - juntando-se assim uma multidão (...), tinha horror por arma de fogo. Quando alguém aparecia armado no Royal ela não tocava mais piano, chegando a ficar vários dias sem aparecer (...), às vezes, parecia uma viciada".

Reservada, temperamental, de uma ironia fina

uma mulher de comportamento um tanto assustador, uma "socialista" avançada é a Suzy lembrada com saudades pelo ex-amante: "o que eu não daria para ter uma mulher como ela, hoje, ao meu lado", confidenciou. Ele a conhecia como Suzana Germano. Desconfiava que fosse escritora mas ela nunca admitiu, pois recusava a falar de si. Mesmo os negócios de Suzy ele desconhecia tanto que causou surpresa saber, por mim, que ela era proprietária do Royal pois acreditava que fosse, apenas, pianista.

No tempo que morou em Caxias, Ercília teve duas perdas na família, a irmã Estella (1934) e a mãe (1935), perdas estas que foram muito choradas nas cartas que escreveu às irmãs Marina e Noemia: Ercília esperava que Estella, que morava então no Rio de Janeiro, viesse ajudá-la no Royal.

Nas cartas trocadas com a mãe, inicialmente, depois com as irmãs, Ercília mostra uma preocupação muito grande com a morte. O túmulo da irmã Estella no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro, passa a ser o principal assunto. A impossibilidade de Ercília viajar ou enviar dinheiro para a construção de uma lápide faz com que ela reitere inúmeras vezes o pedido, para que sua irmã Marina cuidasse disto, pois quando viesse a falecer, queria ser aí enterrada.

O pedido de empréstimo de dinheiro, a reclamação do aumento dos impostos, o desejo de mudar-se para Porto Alegre e abrir um restaurante bem como a preocupação em informar a família sobre os bens (enviando para a irmã, por exemplo, a nota da compra de um rádio) traduzem a situação econômica difícil em que Ercília vivia²² e que, por fim, a levou de fato, a perder em Hasta Pública, a propriedade do Royal.

A partir de 1936, Ercília passou a atrasar os impostos chegando a dever, até o exercício de 1938 por impostos, taxas e multas, à Prefeitura de Caxias, 2:352\$000 (dois contos, trezentos e cinquenta e dois mil réis). Pelo não pagamento da dívida, que aumentava ano a ano, a penhora foi executada e a propriedade foi arrematada em 1942, por Hugo Argenta, na realidade um "testa de ferro" do escrivão Heitor Curra (ver Anexos 1 e 2).

A década de 30 é um período de desenvolvimento urbano de Caxias. As ruas do centro são macadamizadas. Reclamações devido ao barulho e violência da "zona", tão central, eram freqüentes seja pelos jornais, seja através de abaixo-assinados dos vizinhos, o que levou a sua mudança na década de 40, para uma região mais afastada e desvalorizada, nas proximidades do cemitério (hoje, a "zona", situa-se na periferia da cidade).

No processo movido pela Prefeitura de Caxias²³ contra Ercília Nogueira Cobra ela é dada em 1938 como "residente nesta". Em 10.07.1940 o oficial de Justiça Evandro Reis certifica que a mesma não reside naquela cidade.

Maria Walter, que morou com ela no Royal, disse que embora fechado Suzy continuou vivendo lá por algum tempo. Em Caxias ninguém soube dizer ao certo o que teria lhe acontecido depois disso. Talvez tivesse ido com a Zica para São Leopoldo, talvez tivesse ido fazer um tratamento de nervos em São Paulo. . .

De D. Maria Custódia Mucci uma parenta distante, do ramo Nogueira Cobra de Baependi, é que são as informações dos anos que se seguem. Durante

o Estado Novo Ercília teria sido presa: "ela esteve presa aqui em São Paulo, esteve presa no Rio, esteve presa no Paraná e esteve presa no Rio Grande do Sul. Porque o DIP (sic)²⁴ pegava não soltava mais; ela estava desesperada. Uma vez ela tentou se matar (. . .) ela foi interrogada durante a noite, sempre nua, sempre muito maltratada; porque o interrogatório dela todo girava sobre sexo, ninguém interrogava a opinião política dela, ninguém queria saber; só queriam saber o que ela pensava dos homens, os homens estavam muito machucados com a opinião dela (. . .) a visão que eles tinham é que ela era uma ameaça tremenda. Porque se ela levantasse as mulheres naquela época, eles tinham a impressão que iam derrubar o regime (. . .) ela mudou de nome e fugiu para o Paraná. Essa foi a última notícia que nós tivemos dela (. . .). Ela tinha um estancieiro, além da fronteira do Paraguai".

Uma das vezes em que Ercília teria sido presa em São Paulo ela teria ido para o presídio Maria Zélia – para onde iam as pessoas tidas como comunistas – e, por interferência de familiares de D. Maria Custódia Mucci, que trabalhavam na polícia, ela teria sido transferida, logo em seguida, para o DEIC. Não foi possível levantar informações sobre ela no DEIC. Nos arquivos do DOPS, pesquisados por duas pessoas que trabalham lá dentro, nada foi encontrado.

A experiência vivida por Ercília durante o Estado Novo, relatada por D. Maria Custódia é muito semelhante daquela por que passou Luiz Martins, jornalista carioca que morou vários anos em São Paulo. Em suas memórias o escritor conta que por causa do seu livro *Lapa*, onde relata a vida do meretrício naquele bairro do Rio de Janeiro, ele foi denunciado ao DOPS, chegando a receber ordem de prisão, fato que não ocorreu devido a interferência de Carlos Drummond de Andrade que trabalhava, então, com o Ministro Campanema (Martins, 1983, p. 54-63).

ENCONTRO / DESENCONTRO – CRIADOR E CRIATURA

Desde que li *Virgindade Inutil* pela primeira vez me preocupei com a questão das razões que teriam levado Ercília não só a buscar mas também a vivenciar outros caminhos, sobretudo numa época onde as vozes discordantes sobre a importância da família, do casamento e da maternidade eram restritas.

Baseando-se nos depoimentos de parentes a trajetória de vida de Ercília seria explicada, em parte, pela revolta, quando a família perdeu a fortuna, o que a obrigou a viver confinada na fazenda, em um ambiente econômico, social e cultural muito mais restrito do que aquele que estava acostumada.

Mais do que uma certeza, no caso de Ercília e de

²² Carta para a irmã Marina – Caxias 10.03.38.

²³ 1939 – Juízo de Direito da Comarca de Caxias – Rio Grande do Sul – nº 127 – Executivo Fiscal.

²⁴ D. Maria Custódia Mucci usa DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e DOPS, indiscriminadamente.

outras mulheres que se destacaram fora do lar, a orfanidade e a educação diferenciada são hipóteses que precisam ser levadas em conta no estudo das suas trajetórias de vida.

No passado, mais do que no presente, onde a mulher era vista como menor e incapaz, os laços que ligavam pai-filha eram tão fortes quanto aqueles que ligavam marido-mulher. A perda da proteção econômica e moral seja do pai como do marido provocava grandes modificações na vida das mulheres, se não tivessem que se submeter à tutela de outros parentes do sexo masculino principalmente de irmãos mais velhos. George Sand é um exemplo: depois de seprada do marido e com a custódia de seus filhos, para sobreviver decorou velas e caixas e, só posteriormente, se dedicou à literatura (Schneir, 1972, p. 25). Carmem da Silva, em *Histórias Híbridas de uma Senhora de Respeito* (1984) afirma que já órfã de pai, após a morte da mãe deixou Rio Grande, sua cidade natal, mudando-se para Montevidéu; Helena Silveira, (1983) em seu livro de memórias, afirma que conseguiu romper com o marido somente depois que perdeu o pai. Ercília e Estella deixaram a família tão logo o pai falecera e Luz, personagem do romance *Vertigem* de Laura Villares (1926), filha única de um fazendeiro da região de Avaré, mudou-se para São Paulo, quando ficou órfã de pai.

Ségio Miceli em *Poder, Sexo e Letras na República Velha* ao estudar a trajetória social de uma categoria de literatos associa o ingresso na carreira literária "socialmente definida como feminina" (1977, p. 25) a, entre outros *handicaps* sociais, a morte do pai e a falência material da família (p. 21). Para as mulheres no entanto parece que ocorria justamente o inverso ou seja, é quando se dava a entrada no mundo dito masculino: o profissional.

Quanto à educação de Ercília – colégio interno de freiras quando tinha 11/12 anos, aulas de piano e escola normal primária – é semelhante aquela da maioria das moças de sua geração pertencentes à classe média. No caso de Ercília e Estella devem ser acrescentados, porém, o fato de possuírem uma mãe educada (D. Zina teria estudado no colégio Albion); o acesso aos livros da biblioteca do pai, onde a irmã Noemia, também escritora e anti-clerical, teria aprendido a ler; além da educação adquirida com a governanta estrangeira e a oportunidade de ter viajado para a Europa.

Sobre o colégio interno de religiosas, em que Ercília estudou, temos notícias apenas através dos seus livros (p. 142). Como ela mesma afirma isto pouco acrescentou à sua formação o que coincide com os dados levantados sobre o ensino ministrado nas escolas religiosas, por Wanda Rosa Borges (1973). Ao se referir aos colégios dirigidos pelas irmãs de São José, destinados às famílias de elite, a pesquisadora afirma que a instrução visava dar à mulher os "predicados de boa mãe e de prestimosa dona-de-casa. Limitava-se à instrução primária, dando ênfase aos trabalhos manuais. O preparo para a vida social, resumia-se em dar à aluna condições de ler, escrever, conhecer aritmética. A língua francesa, música vocal e instrumental eram ministradas no sentido de 'atributos'" (p. 137).

Quanto à escola normal, Ercília veio a frequentá-la já moça feita, entre 23 e 27 anos. Suas colegas de classe eram muito jovens. D. Aparecida Arantes che-

gou a aumentar a idade, para 14 anos, a fim de matricular-se no primeiro ano da Escola Normal Primária de Pirassununga. Discutindo de igual para igual com os professores, replicando em francês com o mestre que a tomara por uma "interiorana", primeira aluna da classe e tendo uma relação "professoral" com as colegas, a influência da escola normal na sua formação deve ter sido menor do que para muitas de suas contemporâneas que se destacaram como escritoras e/ou feministas (Soares, 1980, p. 140).

Um levantamento nos títulos dos livros da biblioteca do pai de Ercília – advogado formado pela Faculdade do Largo São Francisco, Promotor Público e Deputado Estadual – deveria ser esclarecedor no sentido de se entender a questão da formação da escritora como, também, no de se situar as suas idéias. O destino desta biblioteca, é incerto. Em carta à irmã Noemia (Caxias do Sul, 22.01.35) Ercília pede, após a morte da mãe que os livros, os quadros e os retratos fossem guardados, sendo que os livros mais valiosos ela pagaria. Em depoimento de familiares esta biblioteca foi dada como queimada pela avó Zina, ao saber que a fazenda Parahyba tinha sido penhorada pelo marido.

As famílias paulistas de elite não raro possuíam bibliotecas em suas fazendas. Monteiro Lobato, referindo-se à biblioteca do avô, menciona a existência de livros de História, Geografia, Filosofia além de várias coleções de revistas. Eduardo Prado possuía, no início do século, uma biblioteca contendo mais de 12 mil volumes! (Fiorentino, 1982, p. 21) e, a própria Ercília, descreve o manuseio de livros de Medicina por suas colegas de colégio de freira, numa dessas bibliotecas domiciliares.

Não se pode reduzir a leitura das mulheres, no início do século, exclusivamente aos folhetins e romances. Basta relacionar os autores citados nos livros de algumas escritoras como Maria Benedita Bormann (Délia), Ignez Sabino, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Berta, Maria Lacerda de Moura e, da própria Ercília, entre outras, para perceber a diversidade e atualidade de suas leituras.

Apesar da censura à leitura imposta às mulheres por muitas famílias como também pela Igreja Católica, através de verdadeiros *Index* nacionais, como aquele do padre Sinzig, publicado em 1923 pela editora Vozes (*Através dos romances: notas sobre 21.533 livros e 6.657 autores – guia de consciência*) os livros acabavam por cair em suas mãos.

Por outro lado, os pais de família educados na Europa, trazendo na bagagem uma educação mais liberal ou mesmo formados nos bancos das faculdades de Direito, Medicina e Engenharia do País, franqueavam a leitura às mulheres da casa. Apesar de reprovar a leitura de Oscar Wilde pela filha adolescente, Helena S. Castro de Azevedo (pseud.) em seu livro de memórias conta que seu pai não lhe tirou o livro das mãos (1955, p. 170).

No que se refere à formação de Ercília outras duas questões precisam ser consideradas: o fato de ter tido governanta estrangeira e de ter viajado para a Europa.

Luz, personagem de *Vertigem* (Villares, 1926) fala sobre sua governanta: "recorda-se de sua figura alta e elegante, de seu cabelo ruivo, que exalava ao mínimo movimento uma onda de perfume? Lembra-se como

ela gostava de vestir-se de homem e uma vez a senhora, em uma de suas visitas, ficou escandalizada, por que a encontrou de pijama lilaz a fumar 'cigarettes' repolteada na cadeira de balanço?" Modos desenvolvidos, possuidora de inteligência rara, leitora de romances, inflexível na hora das aulas, refinada, elegante são as lembranças que Luz tem da governanta. Com ela teria aprendido 4 (quatro) línguas e "as ciências necessárias", sem contar o piano e o canto, o que permitiu que ganhasse a subsistência quando ficou sem recursos (p. 9-10).

Provenientes em geral da França e da Alemanha, possuindo uma vivência mais urbana, liberal e laica (o próprio fato de se aventurarem sozinhas para um país estrangeiro onde as mulheres das classes privilegiadas mal tinham começado a sair desacompanhadas), essas mulheres alcançaram muitas vezes um papel de preponderância nas famílias onde trabalharam – Fräulein de Mário de Andrade em *Amar verbo-intransitivo* (1980) é mais um exemplo – daí a necessidade de se investigar o papel que elas tiveram na educação dos (as) brasileiros (as) de elite.

O estudo da biografia de algumas mulheres do período que romperam com os padrões de comportamento ditos femininos – feministas ou não – possuem em comum, ainda, o fato de terem viajado ou estudado na Europa. A pintora Tarsila do Amaral talvez seja o exemplo mais conhecido. Existem outros: a médica Carlota Pereira de Queiróz, única representante na Constituinte de 34 e a incansável Bertha Lutz. Ercília, segundo depoimento de D. Nena Arantes, teria viajado para a Europa juntamente com Estella, ainda no início do século e, a própria escritora refere-se, em *Virgindade Anti-Hygienica* à viagem que fez a França no período pós-guerra. É para lá também que parte Cláudia e sua filha Liberdade (p. 127).

Concluindo: é impossível não se notar as semelhanças entre a trajetória de vida da personagem e da escritora. O horizonte limitado pela falta de educação profissional ou, melhor, a educação voltada para o desenvolvimento de habilidades consideradas femininas não fizeram com que Cláudia sucumbisse ao destino que lhe estava "destinado" por seus antepassados, no momento em que se rebelou contra os padrões de comportamento: o de uma "reles" prostituta. Assim também aconteceu com Ercília. Sua educação diferenciada de moça de elite acabou por lhe dar uma profissão: a de escritora.

Seria *Virgindade Inutil* auto-biográfico? É esse o segredo guardado a 7 chaves? Talvez esteja aí o fio-da-meada e o que explique a sua marginalização como escritora, a identificação como pornográfica e a dificuldade em se recuperar a história de sua vida, e de sua obra através dos relatos de familiares, da imprensa da época e das obras que tratam do período.

Se a criatura foi criada "à imagem e semelhança do criador" ela, criatura, lhe escapou das mãos e certamente imprimiu a sua marca e modificou o destino do criador. Até a publicação dos livros Ercília se recusou a usar pseudônimo. Com cerca de 43 anos, sem o apoio familiar ou de um casamento que lhe desse respaldo social e econômico, sem o reconhecimento de grupos políticos e feministas, marginalizada como escritora, acusada de pornográfica, refugiou-se em Caxias do Sul e trocou de identidade, adotando novo

nome.

O final da história de Ercília/Suzy eu não sei. Terminei aqui acreditando nas palavras da filha ditas à mãe: "Relativamente fui uma pessoa feliz. Fiz o que quis na vida, e continuo fazendo o que quero! Os preconceitos estúpidos desta sociedade em decadência a qual a Senhora pertence nunca me incomodaram" (Caxias do Sul, 27.09.1934). E se você leitor, tiver alguma informação sobre Ercília, me avise pois, talvez juntos, possamos reescrever esta história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEL JURUÁ (pseud.) *Nhô-Nhô Rezende*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurilho, 1918.
- ALMEIDA, J. L. de. *A Isca*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1922.
- _____. *A Silveirinha* (crônica de um verão). Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
- ALVES, B. M. *Ideologia & feminismo* (a luta da mulher pelo voto no Brasil). Petrópolis, Vozes, 1980.
- ANDRADE, M. *Amar, verbo intransitivo*. São Paulo, Martins, 1978.
- ARDAILLON, D. & CALDEIRA, T. Mulher: indivíduo ou família. *Novos Estudos Cebrap*. 2(4):2-10, abr. 1984.
- AZEVEDO, H.S.C. de (pseud.) *Uma vida como outras*. São Paulo. Anhembi, 1955.
- AZZI, R. *A vida religiosa feminina no Brasil* (síntese histórica). Rio de Janeiro, Ceris, 1969.
- BARCOS, J.R. *Liberdade sexual das mulheres*. Trad. de Maria Lacerda de Moura. São Paulo, Paulista, s.d.
- BESSE, S.K. *Freedom and bondage: the impact of capitalism on women in São Paulo, Brazil, 1917-1937*. 1983. mimeo. [Dissertation Presented to the Faculty of the Graduate School of Yale University in Candidacy for the Degree of Doctor of Philosophy]
- BITTENCOURT, A. *Mulheres e livros*. Rio de Janeiro, s.c.p., 1948.
- BORGES, W.R. Seminário de meninas órfãs e educandas de Nossa Senhora da Glória (1825-1935). 1973. mimeo. [Tese de Doutorado F.F.C.L. de Rio Claro].
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.
- CAMPOS, M.(lr.) *A Congregação do Bom Pastor na Província Sul do Brasil*. São Paulo, s.L.p., 1981.
- CARPEAUX, O.M. Sade, nosso contemporâneo. In: *Justine ou os infortúnios da Virtude*. Trad. de D. Accioly; 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora Saga, 1968.
- CHRISANTHEME [Mme] (pseud.) *Flores modernas*. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurilho, 1921.
- COBRA, E.N. *Virgindade anti-hygienica*. São Paulo, Monteiro Lobato, 1924.
- _____. *Virgindade anti-hygienica*. s.L.p., Edição da Autora, (1927?).
- _____. *Virgindade inutil*. s.L.p., Edição da Autora, 1927.
- _____. *Virgindade inutil e anti-hygienica*. s.L.p.; s.c.p.; 1932.
- _____. *Virgindade inutil e anti-hygienica*. Paris, Société D'Éditions Oeuvres des Maîtres Célèbres, s.d.
- DOLORES, C. *A Luta*. Rio de Janeiro, Garnier, 1911.
- FOREL, A. *A questão sexual*. Prefaciado e Revista pelo Dr. Flaminio Favero. São Paulo, Civilização Brasileira, 1950.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Bibliografia Anotada da mulher brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1979 (vol. 1); 1981 (vol. 2).

- HADDAD, J.A. Sade e o Brasil In: Marquês de Sade. Trad. de Augusto de Souza. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.
- HAHNER, J.E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas (1850-1937)*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil* (sua história). Trad. Maria de Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, T.A. Queiroz; EDUSP, 1985.
- LEITE, M.L.M. *Caminhos de Maria Lacerda de Moura*. 1983. mimeo. [Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo]
- LOBO, E.S. *Emma Goldman*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- MARTINS, L. *Um bom sujeito*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura do Município de São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- MARTINS, W. *História da inteligência Brasileira*. (1897-1914). São Paulo, Cultrix; EDUSP, 1977-1978.
- MICELI, S. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo, Perspectiva, 1977.
- MICHEL, A. *O feminismo - uma abordagem histórica*. Trad. de Angela Loureiro de Souza, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- MITCHELL, J. A revolução mais longa. *Revista Civilização Brasileira*, (14)5:41, julho 1967.
- MOURA, M.L. de. *Religião do amor e da beleza*. 2. ed. São Paulo, O Pensamento, 1929.
- QUARTIM, Y. *Reminiscências de uma velha* (Maria da Glória Quartim de Moraes). São Paulo, Edição da Autora, 1981.
- SCHNEIR, M. (ed.). *Feminism. the essential historical writings*. New York, Random House, 1972.
- SILVA, C. da. *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- SILVEIRA, H. *Paisagem e memória*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura do Município de S. Paulo: Paz e Terra, 1983.
- TANURI, L.M. *O Ensino normal no Estado de São Paulo - 1830/1930*. São Paulo, Faculdade de Educação, 1979. (Estudos e Documentos; 16).
- VILLARES, L. *Extasis*. São Paulo, Editora Limitada, 1927.
- . *Vertigem*. São Paulo, Antonio Tisi, 1926.